

# CADMO

REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA - SUPLEMENTO  
JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY - SUPPLEMENT 4.1

ORGS.

Amílcar Guerra • Hermenegildo Fernandes  
Nuno Simões Rodrigues • Martim Aires Horta



הַיְכָל רְאֵתָה עֵינַי  
OS MEUS OLHOS  
VIRAM TODAS ESSAS COISAS

ESTUDOS EM HOMENAGEM  
A JOSÉ AUGUSTO RAMOS

TOMO I

CH  
UL



**CADMO**

REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA  
JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY

**SUPLEMENTO | SUPPLEMENT**

**4**

**הוֹ-כֵּל רְאֵתָהּ עֵינַי**

*Os meus olhos viram todas essas coisas*

Estudos em Homenagem a José Augusto Ramos

**TOMO I**

**Organizadores:**

Amílcar Guerra  
Hermenegildo Fernandes  
Nuno Simões Rodrigues  
Martim Aires Horta



Centro de História da Universidade de Lisboa

2023



**CADMO**  
REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA  
JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY

SUPLEMENTO 4 | SUPPLEMENT 4

## TOMO I

**Editor Principal | Editor-in-chief**  
Nuno Simões Rodrigues

**Editores Adjuntos | Co-editors**

Agnês Garcia-Ventura (Universitat Autònoma de Barcelona), Maria de Fátima Rosa (Universidade de Lisboa), Breno Batistin Sebastiani (Universidade de São Paulo), Rogério Sousa (Universidade de Lisboa)

**Título | Title**

הָן כָּל רֵאיוֹתָ עֵינַי

*Os meus olhos viram todas essas coisas. Estudos em Homenagem a José Augusto Ramos.*

**Organizadores do Suplemento | Supplement Organisers**

Amílcar Guerra, Hermenegildo Fernandes, Nuno Simões Rodrigues, Martim Aires Horta

**Assistentes de Edição | Editorial Assistants**

Carlos Pereira, Gonçalo Matos Ramos, Inês Simão Sebastião, João Correia da Conceição, Sofia Beato

**Revisão Editorial | Copy-Editing**

André Margado, Carlos Pereira, Gonçalo Matos Ramos, Inês Simão Sebastião, João Correia da Conceição, Martim Aires Horta, Sofia Beato

**Comissão Científica do Suplemento | Supplement Editorial Board**

Alberto Bernabé Pajares (Universidad Complutense de Madrid), Arnaldo do Espírito Santo (Universidade de Lisboa), Gregório del Olmo Lete (Universitat de Barcelona), Jan N. Bremmer (Rijksuniversiteit Groningen), José Barata-Moura (Universidade de Lisboa), Maria de Fátima Silva (Universidade de Coimbra), Manuel José Clemente (Patriarcado de Lisboa), Maria Helena da Cruz Coelho (Universidade de Coimbra), Maria do Rosário de Sampaio Themudo Barata de Azevedo Cruz (Universidade de Lisboa).

**Comissão Científica da Revista | Journal Editorial and Scientific Board**

Amílcar Guerra (Universidade de Lisboa), Antonio Loprieno (Universität Basel), Delfim Leão (Universidade de Coimbra), Eva Cantarella (Università degli Studi di Milano), Giulia Sissa, (University of California, Los Angeles), John J. Collins (Yale University), Johan Konings (Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia de Belo Horizonte), José Augusto Ramos (Universidade de Lisboa), José Manuel Roldán Hervás (Universidad Complutense de Madrid), José Ribeiro Ferreira (Universidade de Coimbra), Juan Pablo Vitta (Consejo Superior de Investigaciones Científicas - Madrid), Judith P. Hallett (University of Maryland), Julio Trebolle (Universidad Complutense de Madrid), Ken Dowden (University of Birmingham), Lloyd Llewellyn-Jones (Cardiff University), Luís Manuel de Araújo (Universidade de Lisboa), Maria Cristina de Sousa Pimentel (Universidade de Lisboa), Maria de Fátima Sousa e Silva (Universidade de Coimbra), Marta González González (Universidad de Málaga), Monica Silveira Cyrino (University of New Mexico)

**Editora | Publisher**

Centro de História da Universidade de Lisboa | 2023

**Concepção Gráfica | Graphic Design**

Bruno Fernandes

**Imagem da Capa | Cover Image**

Almada Negreiros, *Expulsão do Paraíso*, 1961  
Gravuras Incisas da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa  
Fotografia de Amílcar Guerra

**Impressão | Print: SERSILITO - EMPRESA GRÁFICA**

ISSN: 0871-9527

eISSN: 2183-7937

ISBN: 978-989-8068-42-2

Depósito legal (Cadmo): 54539/92

Depósito legal: 524995/23

Tiragem: 250 exemplares

**Cadmo - Revista de História Antiga | Journal for Ancient History**

Centro de História da Universidade de Lisboa | Centre for History of the University of Lisbon  
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa | School of Arts and Humanities of the University of Lisbon  
Cidade Universitária - Alameda da Universidade, 1600 - 214 LISBOA / PORTUGAL  
Tel.: (+351) 21 792 00 00 (Extension: 11610) | Fax: (+351) 21 796 00 63  
cadmo.journal@letras.uisboa.pt | www.centrodehistoria-flul.com/cadmo



Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da FCT - Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito dos projetos UIDB/04311/2020 e UIDP/04311/2020. This work is financed by national funds through FCT - Foundation for Science and Technology, I.P. in the scope of the projects UIDB/04311/2020 and UIDP/04311/2020.

This work is licensed under the Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License. To view a copy of this license, visit <http://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/> or send a letter to Creative Commons, PO Box 1866, Mountain View, CA 94042, USA.


# Romanos – os testemunhos inscritos

## *Roman people – the inscribed evidences*

José d'Encarnação

Centro de Estudos de Arqueologia, Artes e Ciências do Património, Faculdade de Letras,

Universidade de Coimbra

jde@fl.uc.pt |  0000-0002-9090-557X

**Resumo:** Que imagem ocorre habitualmente quando se fala de “Romanos”? A do legionário. De que fontes dispomos para conhecer o que foi, na realidade, esse período da história? Apontam-se os monumentos epigráficos como testemunho ímpar para se saber das pessoas que, em determinado tempo e lugar, então viveram. Aproveita-se o ensejo para, em jeito de recensão a um dos mais recentes *corpora* epigráficos da Lusitânia, se utilizarem três monumentos do termo da cidade de *Augustobriga* como exemplo das informações pessoais que as epígrafes romanas revelam.

**Palavras-chave:** Vida quotidiana de Roma; epigrafia romana; *Augustobriga*; Lusitânia.

**Abstract:** What is the image that we suddenly form when speaking about the Roman people? A legionary. On the other side, the ancient texts give us, obviously, an ideal portrait of reality can be quite limited on their information on actual romans. Only, perhaps, the epigraphic monuments can reveal a day in roman's life. Therefore, this essay is comments on the most recent epigraphic *corpus* of the Lusitania published and some examples about this subject are given.

**Key-words:** Roman daily life; Roman epigraphy; Roman Lusitania; *Augustobriga*.

## A imagem dos Romanos

Que imagem se tem quando se fala em “Romanos”?

Não andarei, decerto, muito longe da verdade se responder: a de um legionário, de couraça, punhal à ilharga, escudo à frente, elmo na cabeça. Quiçá terá sido por isso que, no momento em que me solicitaram que desse, na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, aulas de Sociedades Esclavagistas (estava-se ainda em ambiente do pós-25 de Abril...), eu achei que seria a história do exército romano uma boa hipótese de contar aos meus estudantes do 1.º ano o que a civilização romana poderia representar para nós, gente (então) do século XX. Essa, a imagem!

E, assim, fui contando como, de um punhado de pessoas armadas para defenderem os seus pertences, se passara a um exército organizado e armado segundo as posses de cada um, a um exército de cidadãos que pugnavam pelos seus valores, a uma milícia – primeiro mercenária

e depois quase profissional – pronta a defender os ideais do seu chefe, culminando com o uso político que do exército Augusto logrou fazer, quando falava de “os meus soldados” e quando, decididamente, optou por ter como primeiro nome o de *imperator*, chefe dos exércitos! Só a partir do século III o exército voltará a assumir capital importância política, depois de, pelo século II, ter conseguido ser relevante factor de “romanização”.

A função do investigador da História Romana hoje, poderá ser, todavia, não a de acentuar o que o exército romano fez mas a de melhor se perscrutar quem eram, afinal, esses Romanos de quem tanto se ouve falar e cujo Império plasmou – queira-se ou não – a geografia política da Europa e de boa parte da área mediterrânica.

Temos, para essa análise, as fontes literárias. Os livros de autores que foram contemporâneos, ou quase, dos acontecimentos e que, por isso, os descreveram e, até por vezes, não deixaram de os interpretar. “Contemporâneos”, disse-se. E, como tal, eivados – mesmo que o não confessem ou mesmo que o contrário proclamem! – da ideologia dominante. Por livre vontade ou porque a tal eram incentivados. Veja-se um Salústio, para quem o Romano era um ídolo, pelo que lograra conquistar. Veja-se um Virgílio, para quem Augusto é, sem dúvida, a encarnação de Eneias, herói libertador e fundador. E não são *As Bucólicas* de Ovídio o eco da política que o imperador Augusto preconizava de regresso aos campos, porque – já nessa altura! – do amanhã da terra viria prosperidade?

Dir-se-á das peças teatrais. Sim. Conseguem reconstituições duma realidade. Distorcidas, aqui e além, para entretenimento, dentro da máxima de *ridendo castigat mores* – e Suetónio bem dera a conhecer costumes nada lisonjeiros dos primeiros imperadores... Como na actualidade, o teatro evidencia costumes, que escarpeliza, louvando ou criticando. A visão do artista? Não poderemos negar: é!

## Os testemunhos inscritos

Proclamaram-se durante muito tempo como “ciências auxiliares” da História uma série de áreas do conhecimento a que se não reconhecia autonomia bastante para se lhes conceder o estatuto de “ciência”, ainda que se lhes acrescentassem o adjectivo “humanas” para as distinguir do que se pensava ser a Ciência no sentido pleno, de causas que produzem obrigatórios efeitos rigorosamente pensados e medidos.

No caso da História Romana, estavam a Numismática e a Epigrafia, a que as Universidades (vamos manter a maiúscula!) concediam a honra de poderem figurar como disciplinas semestrais. Nada comparável – realce-se! – com o que ora se passa, por, em virtude da chamada reforma de Bolonha, as disciplinas terem passado a ter esse estatuto, outrora considerado (e com razão!) de menoridade. Que pode ensinar-se em semestres de três meses?

Ganhou a Numismática outro relevo. Deixou de ser mera descrição das moedas, no verso e no anverso, para se ver numa numisma o que poderia ser não somente o seu valor

facial, mas o que esse valor realmente representava na sua época. Meu pai ganhava, trabalhando duramente, vinte e oito escudos por semana nos primórdios da década de 50: a quanto equivaleria isso em 2020? Contas difíceis de fazer, mas pergunta a ser feita, para que se investigue; e, ao valor facial, se ajuntem toda uma série de conceitos a permitir conhecer melhor como se vivia, em tempo de Romanos ou na década de 50!

Por outro lado, há agora uma compreensão melhor do que a moeda sempre representou como veículo de propaganda. Não foi inocente a escolha de monumentos antigos para serem cunhados ou gravados nas moedas e mesmo nas notas da União Europeia; não foi inocente, em Portugal, a gravação do sinete de el-rei D. Afonso Henriques nas moedas: é que, antes de muitas outras nações europeias, a totalidade, já Portugal existia como nação, com moeda própria e fronteiras definidas!...

Esse, o novo papel dos estudos numismáticos.

Contudo, se a Numismática nos revela uma atitude pensada, dir-se-ia institucional, é aos monumentos epigráficos que cabe, em todos os tempos, a missão ímpar de dar a conhecer os membros de uma comunidade. Usar-se-ia agora, de preferência, a palavra pessoas, na medida em que é termo muito ouvido – e nem sempre sentido! – nos discursos políticos e de circunstância. A atenção às pessoas! E não é que os estudos epigráficos é sobre as pessoas que se debruçam? Desde sempre! Muito tempo antes de a palavra diariamente nos soar a torto e a direito!

Salientou o saudoso Mestre Professor Giancarlo Susini que a inscrição veicula a mensagem cujos termos, um dia, o Homem seleccionou para transmitir aos vindouros. Por conseguinte, há por detrás dessas poucas palavras escolhidas todo um envolvimento que abarca todos os meandros desse Homem situado em determinado espaço e em determinado tempo: a cultura, a política, a condição social, as crenças, quiçá também os enleios económicos... E é nessa descoberta que o epigrafista se empenha, valorizando cada pormenor, porque nada ali não foi pensado! De uma *pessoa* se está a falar. Rodeada de outras: a família, os amigos, os inimigos... Pessoa que só raramente se não identifica, porque sabe que é o nome que a distingue dos demais.

Para o epigrafista, Romano por excelência deixou de ser, definitivamente, o legionário. E, ainda que também leia as pedras escritas que os legionários deixaram, interessa-se, claro, por esse membro do exército enquanto tal, mas o mais significativo é a razão da epígrafe mandada gravar, os nomes que nela figuram.

Discute-se hoje muito a composição social de uma cidade e são os estudos sobre a população urbana que norteiam as decisões a tomar. Sabe-se, por outro lado – ou julga-se saber... – que há uma população urbana e uma população rural, mesmo que paulatinamente essa dicotomia tenda a desvanecer-se, quer porque os urbanos saem ao fim-de-semana para um ambiente rural que criaram, quer porque os rurais sonham em viver na cidade. E como era no tempo dos Romanos?

Os monumentos epigráficos respondem, quando se analisam a sua tipologia, o modo de identificação dos personagens, as divindades veneradas... Assim, ao vermos na *villa* romana de Freiria (S. Domingos de Rana, Cascais), situada em solo ubérrimo do *ager Olisiponensis*, na margem de ribeiro de abundante água permanente, *Titus Curiatius Rufinus* a mandar erguer singelo altar a uma divindade alheia ao seu panteão mas própria do panteão dos indígenas que encontrou: *Triborunnis*. E, além desta verificação de os habitantes rurais continuarem a prestar culto às suas divindades – o que é bem significativo sinal de respeitosa integração religiosa –, foi possível relacionar esse teónimo com outros, de idêntica grafia (*Trebarona*, *Trebaruna*), já conhecida do interior lusitano (área do actual distrito de Castelo Branco), cuja antroponímia registava também semelhanças evidentes com a registada nesta área ocidental do citado *ager Olisiponensis*, a denunciar, portanto, fluxos migratórios.

Tal distinção entre as gentes se verifica igualmente nos testemunhos epigráficos do contexto urbano de *Liberalitas Iulia Eboracensis* e o do seu *ager*. No núcleo citadino, temos graciosas aras e placas geometricamente preparadas para serem integradas num edifício ou *tabulae* para um possível columbário, enquanto no seu redor não é raro depararmo-nos com rudes estelas, onde se verifica onomástica de raiz pré-romana e incipiente uso do formulário latino, a denunciar uma aculturação que se não enjeita. Exemplo do primeiro caso pode ser o epítáfio do liberto *P. Staius Meridianus*,<sup>1</sup> cujo cognome indicia escravo de origem do Norte de África integrado na família dos *Staii*, de origem certamente não-peninsular. Exemplo do segundo, a estela *FE 402* (Fig. 2), de fora do perímetro urbano da cidade (Herdade da Torre do Lobo, Torre de Coelheiros), que apenas diz *TONGETAE / PITINNAE / F(iliae)*, sendo *Pitinna* um nome latino raro, de bem sugestivo significado concreto (a pitinha), com a singularidade da identificação através do nome materno. Dois estratos populacionais distintos, que só os testemunhos epigráficos permitiram discernir: os da urbe e os do termo rural, que – aceitando muito embora a nova linguagem – se mantiveram apegados ao seu modo de falar tradicional.

## O caso de Augustobriga

Julio Esteban Ortega, docente da Facultad de Filosofía y Letras da Universidade da Extremadura (pólo de Cáceres), lançou ombros à não fácil tarefa de sistematizar em *corpora* o estudo das largas centenas de epígrafes romanas procedentes dos territórios que, de certo modo, envolveram na Antiguidade a capital da Lusitânia, *Emerita Augusta*, situados na actual província de Cáceres.

Como capital e como colónia militar, foi timbre dos seus responsáveis ao longo das décadas afeiçoarem-na urbanisticamente à cidade-mãe, Roma, nela instalando adequado conjunto monumental. A população inicial foi, por isso, maioritariamente vinda da Península

1 *IRCP 406* (Fig. 1).

Itálica e sabe-se que também boa parte do seu território foi entregue a veteranos dos corpos militares. Houve, porém, outros núcleos urbanos que, por um motivo ou por outro, nasceram pela área hoje integrada na província espanhola da Extremadura.

Que gentes seriam tais povoadores?

Para responder à questão, Julio Esteban estudou – no âmbito de um projecto a que deu mui louvável prioridade e que logrou concretizar com uma regularidade invejável – as inscrições do termo de *Norba* (2007), *Turgalium* (2012), *Capera* (2013), *Caurium* (2016) e *Augustobriga* (2019 – Fig. 3). E é da documentação epigráfica desta cidade que ora nos vamos servir.

Situava-se *Augustobriga* na margem esquerda do rio Tejo (Fig. 4). Foi, a princípio, uma *mansio* de apoio aos viandantes que de Mérida alcançavam *Caesaraugusta*. Uma posição estratégica que cedo se converteu em pólo de atracção para as populações indígenas que viviam nos castros próximos. A sua estrutura urbanística foi ganhando forma durante o século I d. C. até ser elevada à categoria de município na época flávia, o que se deduz, por exemplo, do facto de os seus cidadãos se identificarem inscritos na tribo Quirina. Contudo, dos trabalhos arqueológicos ali realizados não resta grande notícia e se se logrou salvar algum do material epigráfico disperso, certo é que mesmo inscrições que haviam sido resgatadas das casas em cujas paredes estavam, guardadas depois no edifício do “ayuntamiento”, levaram descaminho a partir do momento em que o povoado se abandonou;<sup>2</sup> felizmente que García y Bellido as anotara nos seus cadernos de campo, publicados em 2017.

Do que se conhece integrou Esteban Ortega no respectivo *corpus* 111 inscrições, que vai – tal como fizera nos volumes anteriores, uma numeração sequencial – do número 1339 ao 1449. A ordem seguida é a alfabética dos 23 topónimos administrativamente mais importantes, desde Arroyomolinos de la Vera a Villar del Pedroso, passando por Barrado, Belvís de Monroy e assim por diante.

Dispõe cada epígrafe de uma ficha, digamos assim, onde com mais ou menos pormenor se inscrevem (por esta ordem): a descrição, a procedência e paradeiro, as dimensões, a leitura interpretada, o comentário de integração epigráfica e histórica, a bibliografia (por ordem cronológica). Há fotografia, que será repetida, em formato de página inteira no capítulo “Láminas”.<sup>3</sup> De um modo geral, essas fotografias são de boa qualidade, feitas aos monumentos *in loco*, não havendo, por isso, tratamento do fundo; a má qualidade do suporte (quase sempre o granito, de vez em quando o mármore) e a localização dificultam a obtenção do contraste que por vezes se requereria para melhor verificação e realce das letras gravadas.

Na Introdução, o Autor começa por discutir o que teria sido o território de influência de *Augustobriga*, que, por via das numerosas esculturas de javali achadas na comarca de La Jara, pode considerar-se pertencente “ao povo vetão”.<sup>4</sup> Indica os limites geográficos que se impôs na

2 Esteban Ortega 2019, 14.

3 Esteban Ortega 2019, 143-211.

4 Esteban Ortega 2019, 9.



selecção das epígrafes a apresentar e dá sucinta conta do que nas fontes escritas antigas (Plínio, Itinerário de Antonino, *Tabula Peutingeriana*, Anónimo de Ravena...) se escreveu sobre a cidade.

No que respeita à origem da população augustobrigense, aponta o carácter indígena da sua onomástica, não apenas nos nomes escolhidos (6 testemunhos de *Camalus*, 4 de *Tancinus*...), mas também na forma de identificação, no que chamamos “à maneira indígena”, de um nome seguido da filiação, indício claro da existência de uma população reduzida, por bastar o nome do pai para o indivíduo se distinguir, como ainda hoje nos núcleos populacionais do nosso interior, se diz “o António do Manel” ou “o Joaquim da Maria”, seja, neste caso, Maria a mãe ou a cônjuge. Nesse aspecto, não parece que o sistema latino de referir a família se tenha difundido, uma vez que – assinala Esteban Ortega<sup>5</sup> – até o nome de família mais comum no dealbar do Império, *Iulius*, relacionável com César ou Augusto, apenas se menciona quatro vezes, “seguido de *Valerius*, com três testemunhos.”

No que concerne à epigrafia votiva, registam-se dedicatórias a três divindades indígenas: *Banda*, *Trebaruna* e *Quangeius*.

Completam o volume os sempre muito úteis índices epigráficos discriminados (onde se inclui a tábua de correspondências, do maior interesse para os investigadores) e exaustiva bibliografia com o respectivo rol de siglas e abreviaturas utilizadas.

Ainda que a referência a este *corpus* venha a propósito de, nas inscrições romanas, se dar atenção às pessoas, não poderá omitir-se a alusão a dois documentos aqui mencionados e que são fora do comum.

Está com o n.º 1341 uma “pizarra opistográfica de forma irregular”, de época visigoda (finais do século VI e primórdios do VII), estudada por Isabel Velázquez. Trata-se de uma carta, em caracteres cursivos, dirigida por Faustino a um tal Paulo, a ordenar-lhe que diga aos seus servos que “não cometam fraude contra a sua fazenda.”<sup>6</sup>

É o n.º 1405 um *terminus augustalis*, datado dos anos 5/6 d. C., do reinado do imperador Augusto. Encontra-se, porém, praticamente ilegível a linha em que se mencionavam os povos delimitados, colocando o autor a hipótese de ali poderem estar citados os *Augustobrigenses*.<sup>7</sup>

No âmbito do modo de identificação das pessoas, quatro documentos poderão chamar a atenção:

1 – A estela afeiçoada em forma de paralelepípedo rectangular e de cabeceira semi-circular que tem o n.º 1340. A inscrição, em caracteres capitais quadrados de bom recorte, insere-se no mundo pré-romano, uma vez que o defunto, de 70 anos, vem identificado como *Caturo Tancini*, isto é, Caturão filho de Tangino e os dedicantes são dois personagens, também eles de onomástica lusitana, *Albonius* e *Boutius*, que poderão ter sido solicitados por testamento a mandar erigir o epitáfio. Claramente datável dos primórdios do século I d. C.,

5 Esteban Ortega 2019, 13.

6 Esteban Ortega 2019, 23.

7 Esteban Ortega 2019, 76.

a estela exemplifica bem a adopção de uma gramática tipológica e textual romana por parte da comunidade indígena.

2 – A placa de mármore rectangular n.º 1352 tem levantado dúvidas quanto à leitura da l. 1. Não há, todavia, razão para tal, porquanto há, inclusa no G, a letra A que, embora não seja caso nada raro, tem passado despercebida (Fig. 5). Por conseguinte, ler-se-á:

C(*aius*) · IVLIVS · C(*aii*) · F(*ilius*) · GAL(*eria tribu*) / SENATVI · POPV[LOQ(*ue*)] / AVGVSTOBR[IG(*ensi*)] / HOSPES · D(*onum*) · / <sup>5</sup> DAT[VM]

Como nos anteriores *corpora* que preparou, Julio Esteban Ortega preferiu – como, de resto, acontece com muitos epigrafistas – não fazer a tradução das epígrafes. Ora, a tradução contribui para melhor se entender o significado do texto e, sobretudo, qual a interpretação dada pelo investigador. Trata-se de uma questão importante porque nem sempre a interpretação é fácil. No caso vertente, eu traduziria assim:

Gaio Júlio, filho de Gaio, da tribo Galéria, ofereceu, como hóspede, ao Senado e ao Povo Augustobrigense.

O objecto da oferta pode ser, como Javier Andreu sugeriu,<sup>8</sup> o templo da cidade. Invoca, para corroborar essa hipótese, as características da placa (não está afeiçoada atrás e destinava-se, por isso, a ser encastrada), o módulo das letras (entre 7 e 5,5 cm – anota Esteban) adequado a figurar num edifício público, as próprias dimensões da placa (41x40x6cm) e o facto de ter sido encontrada junto às ruínas de um edifício que García y Bellido interpretou como templo. Apesar de essa identificação assumir, hoje, carácter de mera hipótese, dado o mau estado de conservação das estruturas subsistentes, não há, porém, dúvida de que se trata de obséquio feito em consequência de Caio Júlio ter sido aceite como *hospes*, galardão que poderia equivaler, na actualidade, à categoria de “cidadão honorário”. Compreende-se: oriundo doutra cidade em que os cidadãos estavam inscritos na tribo Galéria, Gaio Júlio foi oficialmente recebido numa comunidade da tribo Quirina e sente-se reconhecido por isso.

Não poderei garantir que a proposta de reconstituição que preconizo para o final das linhas 2 a 5 seja a exacta; trata-se, no entanto, de pormenor de somenos, mormente no caso das linhas 4 e 5, porque, na realidade, a fórmula específica – estando escrita numa forma ou doutra – que estamos perante uma doação. Achei, por comparação com o que falta na l. 2 devido à fractura, que seria preferível, na l. 4, a sigla seguida de um ponto (este, por motivos estéticos); DATVM por extenso afigura-se-me que caberia e serviria para acentuar o carácter de dádiva, fazendo-me eco do que María Cruz González explicitou:

8 Andreu Pintado 2004, 457 n. 20.

Estamos perante um precioso exemplo de benemerência pública, motivada, neste caso, pelo favor recebido da cidade de Augustóbriga, o *hospitium*, e constitui um interessante exemplo de liberalidade pública, realizado por um *hospes*, membro, sem dúvida, do escol, em reconhecimento do benefício recebido.<sup>9</sup>

Como já Hübner adiantara,<sup>10</sup> o tipo de letra, capital quadrada muito bem delineada e, sublinhe-se agora, a paginação impecável (note-se, por exemplo, o cuidado em fazer o T mais alto para não quebrar a graciosidade do conjunto) sugerem uma datação do tempo do imperador Augusto; a esses acresce agora outro argumento, o do modo de identificação do cidadão: a ausência de *cognomen* e a designação de *C. Iulius, praenomen* e *nomen* próprios da época de César e de Augusto. Gaio é cidadão romano e não nos repugna supor que tenha sido elevado a essa categoria por pertencer ao escol indígena da região. A doação é feita ao Senado e ao Povo; essa fórmula, decalcada, como muito bem assinalou María Cruz,<sup>11</sup> da expressão consagrada *Senatus Populusque Romanus*, mostra, de facto, bom conhecimento dos formulários oficiais da Urbe.

3 – De outro período, o século II, e a denotar outras influências estéticas, é a placa n.º 1363, com inscrição funerária. As letras, muito esguias, incluem-se no que Battle<sup>12</sup> designou como “capital rústica ou pintada do tempo de Adriano”. O facto de as barras serem muito breves tem ocasionado diferentes propostas de leitura para os *cognomina* dos dois personagens masculinos aí referidos, mas afigura-se bem provável que estejamos perante *M(arcus) Palphurius Laetinus*, filho de *M(arcus) Palphurius Iasus*, que morreu aos 48 anos, e foi *Val(eria) Afra* quem mandou gravar o epitáfio, mui possivelmente a expensas suas, por ser plausível a sugestão de ter havido involuntária omissão de S, na última linha, onde deveria estar *D(e) S(uo) F(aciendum) C(uravit)*.

Do gentílico *Palphurius* não se conhece, até ao momento, mais nenhum testemunho, porque o outro que tem sido citado, de Beja, acabou por não se confirmar.<sup>13</sup> Anota Esteban Ortega que se trata de “um indivíduo de procedência grega que encontra a morte em Augustóbriga.”<sup>14</sup> Compreende-se o seu raciocínio, dada a singularidade do antropónimo grafado com ph a indiciar uma etimologia grega, de facto. Geralmente, essa conotação grega surge no *cognomen* e há muito que se prefere assinalar, em casos semelhantes, que a raiz etimológica grega não implica necessariamente uma procedência da parte oriental do Império, tendo-se mais na conta de uma ressonância cultural, como se fosse de bom gosto e sinal de significativo estatuto social ter escravos a que se deu um nome grego, amiúde relacionável com divindades ou heróis. É costume, a esse propósito, citar o que Robert Étienne assim sintetizou: “A imposição dum nome grego resulta dum fenómeno psicológico: urge mostrar-se à altura duma cultura.”<sup>15</sup>

9 González Rodríguez 2010, 164.

10 *CIL* II 5346.

11 González Rodríguez 2010, 165.

12 Battle Huguet 1963, 115 fig. 39.

13 Encarnação 2008, 222-23.

14 Esteban Ortega 2019, 44.

15 Étienne 1977, 292.

A atrás citada dificuldade paleográfica tem sugerido opções diferentes para o *cognomen* de *Palphurius Laetinus* será o mais plausível. Um antropónimo etimologicamente latino, diminutivo de *Laetus*, “alegre”, de que na Hispânia se registam mais três testemunhos, um dos quais em Azuaga (Badajoz), *Marcus Herennius Laetinus*, notável municipal que exerceu as funções de edil, duúviro por três vezes e pontífice.<sup>16</sup>

*Iasus*, o possível *cognomen* do pai, está incluído por Solin entre os nomes etimologicamente gregos, de que registou a ocorrência de três exemplos na população de Roma, sendo dois identificativos de libertos.<sup>17</sup> O cognome da dedicante – *Afra* – pode indiciar uma origem africana e o facto de o seu *nomen* vir abreviado deve-se, seguramente, mais à falta de espaço do que a qualquer outra motivação.

Poderemos, a propósito dos dados onomásticos presentes e do adjectivo *optimus* atribuído por *Afra* ao marido, recordar quanto era envolvido em ternura o ambiente familiar dos libertos, porque, não podendo oficialmente contrair um *matrimonium iustum*, supriam, de certo modo, com um bom ambiente essa dificuldade.<sup>18</sup> Acrescentar-se-ia, quiçá, um outro dado aqui: o inusitado da menção do nome do pai mediante os *tria nomina*, quando o habitual é apenas a referência ao *praenomen*. Significará isso que o filho pôde ser *ingenuus*? Mui provavelmente sim e a menção do nome paterno completo – sendo o pai um provável liberto – o pretende manifestar, como que em homenagem.

## Conclusão

Esta incursão pelo *corpus* das inscrições romanas do termo de *Augustobriga*, o mais recente estudo acerca dos monumentos epigráficos da Lusitânia, permitiu-nos, por conseguinte, exemplificar, mediante a referência a mais alguns testemunhos, quanta informação pessoal se poderá retirar do que, em determinado momento, alguém decidiu mandar gravar em suporte duradouro, para que se não olvidasse.

Vimos como, nomeadamente pela forma de identificação, se consegue chegar ao íntimo de uma sociedade, cujos membros, afinal, se apresentam como seres humanos que perante a efemeridade da existência quiseram sobreviver – e sobrevivem! – nessas pedras inscritas. Não nos debruçamos sobre os ex-votos, onde bem se patenteia a relação com o sobrenatural, qualquer que seja a forma como ele se encara; preferimos os epitáfios, donde, na verdade, se desprendem informações mais humanas (se assim podemos exprimir-nos), porque são eco de vidas que se apagam.

Razão tinha, pois, Marcel Durry quando, no já longínquo ano de 1961, escrevia:

16 *HEpOL* 4468.

17 Solin 1982, 604.

18 Cf. Fabre 1981, 191-92.

As *inscriptiones funerariae* não merecem o descrédito a que epigrafistas e historiadores as condenam. Se se fizer um esforço não apenas para as ler mas também para lhes ler as entrelinhas, elas evocarão e esclarecerão situações de que os textos nem sequer permitiriam suspeitar.<sup>19</sup>

Por isso terminava o seu artigo confessando: “Je m’intéresse davantage aux moeurs.”<sup>20</sup>

Quão aliciante é, de facto, em relação à época romana sentirmos que, afinal, eles não estão assim tão longe de nós.

Lídia Storoni Mazzolani citou,<sup>21</sup> por exemplo, a frase gravada num copo achado em contexto funerário:

*Vita brevis spes fragilis venite accensus est dum lucet bibamus sodales*

Breve é a vida, frágil a esperança! Vinde! O lume está aceso. Enquanto houver luz, bebamos, companheiros!

Um hino à vida, impregnado, bem se vê, de claro espírito hedonista; mas, decerto, em muitas ocasiões, hoje se não desdenharia assim brindar!

## IMAGENS

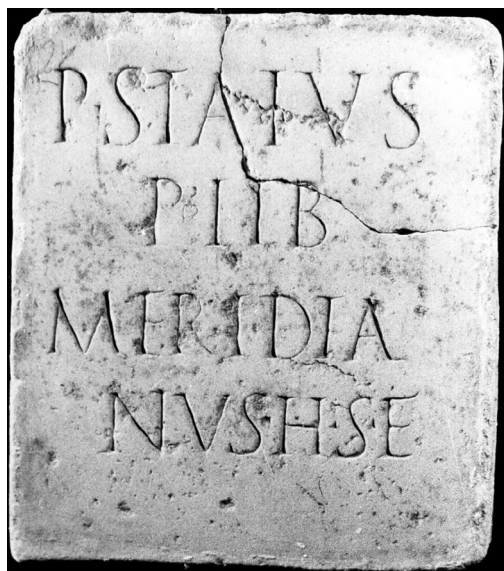


Fig. 1. IRCP 406. Foto de Guilherme Cardoso.

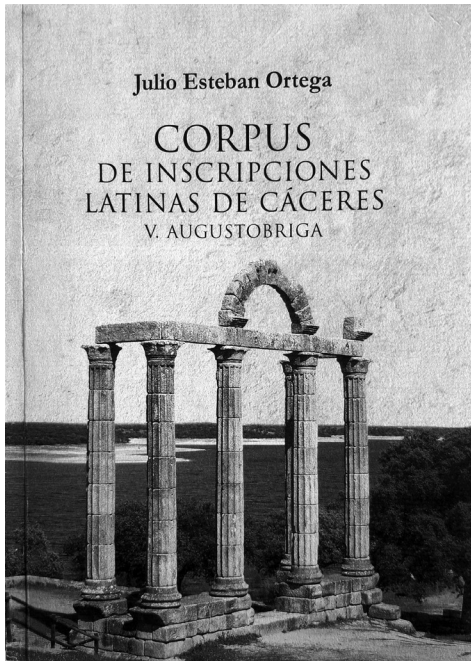


Fig. 2. FE 403. Foto de Francisco Bilou.

<sup>19</sup> Durry 1961, 11.

<sup>20</sup> “Interessam-me sobremancira os costumes” (Durry 1961, 21).

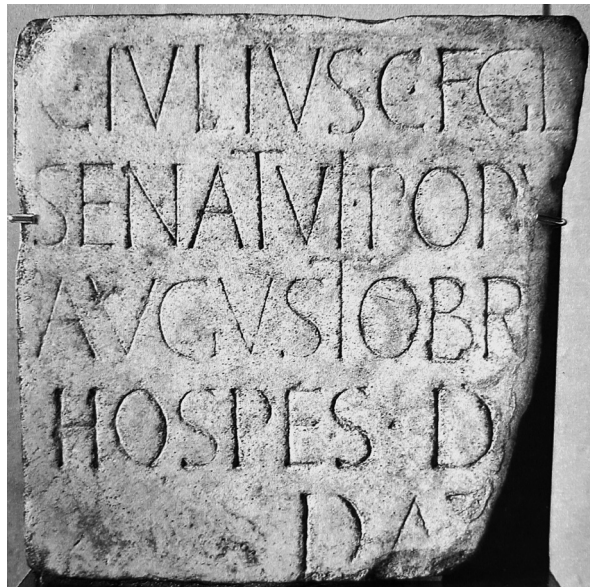
<sup>21</sup> Mazzolani 1991, 119.



**Fig. 3.** Capa do livro sobre as inscrições romanas de *Augustobriga*.



**Fig. 4.** Mapa da Lusitânia, com menção das cidades referidas no texto. © Instituto de Arqueologia, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.



**Fig. 5.** Inscrição n° 1352 do *corpus* de *Augustobriga*. Foto: Museu de Cáceres.

## REFERÊNCIAS

- Andreu Pintado, Javier. 1999. “*Munificentia y munificentes*. Riqueza y manifestaciones de riqueza de las élites en la provincia Lusitania.” In *Économie et territoire en Lusitanie romaine*, eds. J.-G. Gorges et F. G. Rodríguez Martín, 453-71. Madrid: Casa de Velázquez.
- Battle Huguet, Pedro. 1963. *Epigrafía Latina*. Barcelona: Escuela de Filología.
- Hübner, Emil. 1869-92. *Corpus Inscriptionum Latinarum. II*. Berlín: Academia das Ciências de Berlín.
- Durry, Marcel. 1961. “Réhabilitation des ‘funerariae.’” *RA* 1:11- 21.
- Encarnação, José d'. 1984. *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis — Subsídios para o Estudo da Romanização*. Coimbra: Instituto de Arqueologia (= IRCP).
- . 2008. “IRCP – 25 anos depois.” *Revista Portuguesa de Arqueologia* 11(2):215-30.
- Encarnação, José d', et Francisco Bilou. 2009. “Lápide funerária da Herdade da Torre do Lobo, Torre de Coelheiros, Évora (*Conventus Pacensis*).” *Ficheiro Epigráfico* 88, n.º 402. (= FE 402).
- Esteban Ortega, Julio. 2007. *Corpus de Inscripciones Latinas de Cáceres. I. Norba*. Cáceres: Universidad de Extremadura.
- . 2012. *Corpus de Inscripciones Latinas de Cáceres. II. Turgalium*. Cáceres: Universidad de Extremadura.
- . 2013. *Corpus de Inscripciones Latinas de Cáceres. III. Capera*. Cáceres: Universidad de Extremadura.
- . 2016. *Corpus de Inscripciones Latinas de Cáceres. IV. Caurium*. Cáceres: Universidad de Extremadura.
- . 2019. *Corpus de Inscripciones Latinas de Cáceres. V. Augustobriga*. Cáceres: Universidad de Extremadura.
- Étienne, Robert. 1977. “Remarques sur l’onomastique romaine d’Espagne.” In *L’Onomastique Latine. Colloque international*, eds. H.-G. Pflaum et N. Duval, 291-92. Paris. Centre national de la recherche scientifique.
- Fabre, Georges. 1981. *Libertus. Recherches sur les rapports patron-affranchi à la fin de la République Romaine*. École Française de Rome.
- González Rodríguez, María Cruz. 2010. “La fórmula *senatus populusque* en las fuentes epigráficas como reflejo de las transformaciones de las comunidades indígenas del Occidente hispano.” In *El Bronce de El Picón (Pino del Oro). Procesos de cambio en el Occidente de Hispania*, eds I. Sastre et A. Beltrán, 165-71. Valladolid: Junta de Castilla y León, Consejería de Cultura y Turismo.
- Hispania Epigraphica*. 1995-. Revista editada pela Universidade Complutense de Madrid. URL: <http://eda-bea.es/> (= HEpOL).
- Mazzolani, Lidia Storoni. 1991. *Iscrizioni Funerarie Romane*. Milano: Biblioteca Universale Rizzoli.
- Solin, Heikki. 1982. *Die griechischen Personennamen in Rom. Ein Namenbuch*. Berlin: De Gruyter.



A carreira do Professor José Augusto Ramos marcou, na paisagem académica do nosso país e da lusofonia, o panorama da História da Antiguidade e dos Estudos Bíblicos, assim como várias gerações de historiadores, tradutores, investigadores, professores, pensadores e leitores. Com ele, aprendemos a pensar, a traduzir, a historiar. Estes dois volumes recolhem textos dos seus amigos, colegas, discípulos e alunos, em tributo à generosidade e influência de um Mestre, e guardam a memória institucional de um percurso de uma importância única para a Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e para os esforços multisseculares de tradução da Bíblia na nossa língua.

Imagens de capa e contracapa:  
Almada Negreiros, *Expulsão do Paraíso*, 1961  
Gravuras Incisas da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa  
Fotografia por: Amílcar Guerra